

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM JACQUES PERRIN
25 e 27 de Julho de 2022**

LA 317ème SECTION / 1965

Um filme de Pierre Schoendoerffer

Realização: Pierre Schoendoerffer / Argumento: Pierre Schoendoerffer, baseado no romance homónimo de sua autoria / Direcção de Fotografia: Raoul Coutard / Música: Pierre Jansen / Som: Te Hak Kheng e Jean Nény / Montagem: Armand Psenny / Interpretação: Jacques Perrin (Torrens), Bruno Cremer (Willisdorf), Pierre Fabre (Roudier), Manuel Zarzo (Perrin), Borany Tioulong (Kut), Saksi Sbong, etc.

Produção: Rome Paris Films / Produtores: Georges de Beauregard e Benito Perojo / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em francês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 100 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

La 317ème Section é o mais célebre dos filmes realizados por Pierre Schoendoerffer (1928-2012). Veterano da Guerra da Indochina, que viveu como “cameraman” dos Serviços Cinematográficos do exército francês, Schoendoerffer esteve em Dien Bien Phu, tendo depois passado meses num campo de prisioneiros Viet Minh. Grande parte da sua actividade futura continuou ligada à guerra: foi fotógrafo (publicado em revistas francesas e americanas de grande circulação) e dirigiu várias reportagens televisivas no Vietname ou na Argélia. A Indochina, e especialmente a batalha de Dien Bien Phu, foi evidentemente um episódio marcante na sua vida. **La 317ème Section** baseia-se na sua experiência pessoal (primeiro impressa num romance, que o argumento adapta) mas não é retintamente autobiográfico. Muitos anos mais tarde, em 1992, voltaria a filmar a batalha, num filme chamado **Dien Bien Phu** em que, aí assim, a sua vivência pessoal era posta em destaque, através da personagem de um “cameraman” interpretado pelo seu próprio filho Frédéric.

Rodado *in loco* sensivelmente dez anos depois dos acontecimentos, **La 317ème Section** filma a pequena epopeia de um pelotão do exército francês durante os dias finais do desastre (para os franceses) de Dien Bien Phu. É interessante começar por reparar nalguns nomes muito “nouvelle vague” que constam do genérico: o produtor Georges de Beauregard e o director de fotografia, o grande Raoul Coutard. Seria idiota dizer que **La 317ème Section** é um filme “nouvelle vague”; mas não parece nada idiota pensar-se que é um filme que foi tornado possível pela lição de agilidade (agilidade de produção, agilidade técnica) dada pela “nouvelle vague”, que em parte procurou, justamente, encontrar o estilo e a urgência de uma “reportagem”. Desse ponto de vista, e embora tudo tenha sido filmado na selva cambojana, a milhares de quilómetros das ruas

parisienses, estamos com certeza mais próximos da “nouvelle vague” do que de **Apocalypse Now...**

Se isso é verdade, não o é menos – nem há contradição alguma – que Schoendoerffer não procurou emular um estilo de falsa reportagem. **La 317ème Section** é um filme lento e ritmado, contemplativo e rigoroso, e nem as cenas de combate são propriamente frenéticas, com a sua montagem sóbria e minimalista. Um excelente exemplo é o do derradeiro assalto dos Viet Minh, filmado num plano fixo do topo de uma colina – com os soldados transformados em pequenos pontinhos no meio da natureza, a vegetação, as rochas, o rio, e no absoluto primeiro plano, a cascata. Esta presença da natureza, sempre impávida e indiferente aos conflitos humanos que nela se desenrolam, é uma constante ao longo do filme, e tem nesse citado plano um papel fundamental na intensificação de uma espécie de fatalismo, que não ficaria mal aproximar do Malick de **The Thin Red Line**.

Fatalismo e desencanto, de resto, são o ar que o filme respira. Em termos políticos, fica tudo dado nos dois ou três planos que abrem o filme. Jacques Perrin a hastear a bandeira francesa, e no contracampo os rostos de um grupo de mulheres, em totais distância e estranheza. Podíamos detectar ainda alguma sombra de comentário político na relação entre os oficiais franceses e a maior parte dos soldados, localmente recrutados, reflexo de um sistema de relacionamento colonialista. Mas tudo isto são notações, que trazem profundidade à estrutura do filme sem lhe ocuparem o centro.

E o centro, fatalista e desencantado, está na relação entre os dois protagonistas, Jacques Perrin, o jovem oficial, e Bruno Cremer, o ajudante de campo veterano desta e doutras guerras. São ambos soberbos, e até pela maneira como o filme joga com os seus contrastes fisionómicos (os modos adolescentes do rosto de Perrin, a rudeza desafectada de Cremer), **La 317ème Section** funciona como um “estudo de personagens” à boa maneira clássica. Por entre muitas caminhadas e breves momentos de acção, o filme de Schoendoerffer, de maneira quase “teatral”, tem nos diálogos entre este par de personagens o seu elemento fundamental. E aí, repare-se que, se ficamos sem saber muito sobre a personagem de Perrin, a biografia da de Cremer é profusamente ilustrada, constituindo-se como um símbolo de não poucas constâncias e contradições históricas (alsaciano, foi mobilizado pela Wehrmacht, combateu pelos alemães na II Guerra) como se condensasse a história bélica da França nas décadas recentes. O epílogo, dado em “off”, com a alusão à futura guerra da Argélia, estabelece uma ligação circular (e portanto, interminável) que deixa o filme suspenso na sua própria angústia, uma angústia que vai muito para além da questão da “derrota”.

Luís Miguel Oliveira